



Só não enxerga quem não quer: racismo e preconceito na Educação Infantil

POR CISELE ORTIZ¹

SÃO PEQUENOS GESTOS, SITUAÇÕES COTIDIANAS, UMA PALAVRA AQUI OUTRA ALI, UM MATERIAL APRESENTADO OU A FALTA DELE E DIARIAMENTE AS CRIANÇAS NEGRAS SOFREM SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA E MUITAS VEZES JÁ NOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL. POUCO SE DISCUTE SOBRE O ASSUNTO. NA MAIORIA DAS VEZES PAIRA UM SILÊNCIO REVELADOR DA DESIGUALDADE DE TRATAMENTO OFERECIDO ÀS CRIANÇAS BRANCAS E NEGRAS



ASSOCIAÇÃO ARTE DESPERTAR-GRAACC. GISELLE DE SOUZA

Temos uma amiga negra, a Ba, que ainda hoje, aos 40 anos, lembra-se da primeira vez em que a diferença de cor foi motivo de tratamento discriminatório. No jardim da infância que freqüentava, uma criança branca perdeu sua pulseira de ouro e sua mãe foi à escola reclamar exigindo conversar com a mãe de Ba. Nossa amiga não esteve presente e nunca conversou sobre isso com a sua mãe, mas sabe que o conteúdo da conversa foi uma acusação de roubo. Na época, Ba intuiu que estava sendo

acusada por ser a única menina negra da classe. Muitos anos se passaram até que ela conseguisse falar sobre a situação sem ficar tomada pela emoção.

São poucas as pesquisas no Brasil a respeito da discriminação e do preconceito na Educação Infantil. Dentre elas destaca-se a efetuada por Eliane Cavalleiro, que revela a difícil situação das crianças negras já nos anos iniciais da escolaridade. Segundo ela, é certo que as crianças pequenas desde cedo “interiorizam idéias preconceituosas que incluem

¹ Coordenadora de projetos do Instituto Avisa Lá.

a cor da pele como elemento definidor das qualidades pessoais”.² Fazendo par com essa injustiça os professores ou não sabem lidar com o problema e se calam ou, o que é pior, ajudam a discriminar com ações, palavras e atitudes.

Tanto crianças brancas como negras comumente demonstram a presença de estereótipos e preconceitos em relação aos negros, em situações cotidianas de vivências escolares e principalmente por meio de suas falas. Já aos 4 e 5 anos as crianças negras sentem desconforto quando têm que se referir a sua origem racial.

Segundo afirma Eliana Cavalleiro, “a realização de pesquisas com o objetivo de compreender a dinâmica das relações multiétnicas no âmbito da Educação Infantil representa um recurso para o avanço no combate ao racismo brasileiro, visto que estudos desta natureza revelam como se dão as relações interpessoais, seus benefícios e seus prejuízos para os indivíduos que convivem na escola, bem como fornecem subsídios para a elaboração de novas práticas educacionais, quer seja na família, quer seja na escola”.

A escola preconiza um discurso oficial de que não existe preconceito entre as crianças, mas ao mesmo tempo as professoras nos fornecem inúmeros exemplos de dificuldades de relacionamento entre crianças brancas e negras tendo como pano de fundo a diversidade racial.

Para Eliane, a escola ensina a criança negra a silenciar, o que ela chama de “aprendizagem do silêncio”, na medida em que se omite nos conflitos entre as crianças. A escola, por meio das professoras das crianças pequenas que se negam a tomar providências, reforçam os estereótipos e preconceitos.

“Não falar sobre as situações de racismo, preconceito e discriminação na escola faz com que o problema pareça não existir.”

As crianças brancas logo descobrem o poder de suas palavras e de seus xingamentos, as referências negativas à cor da pele (neguinha, carvão) e ao cheiro (fedorenta), associam a cor preta à sujeira (não toma banho) e as usam principalmente

como uma arma em situações de disputa, de conflito. Como não são repreendidos pelos professores, acabam reproduzindo a situação inúmeras vezes, como que “autorizados” por eles. Por outro lado, as crianças negras tendem a silenciar cada vez mais e a fugir das situações de conflito e de disputa, isolando-se. Quando reagem, às vezes de maneira desproporcional, sem controle, são criticadas e advertidas. Assim, vão

silenciando cada vez mais. Esta situação gera um círculo vicioso difícil de ser rompido sem ajuda. Entre os professores há silêncio também. Não falar sobre as situações de racismo, preconceito e discriminação na escola faz com que o problema pareça não existir.

Se, por um lado, a atitude de silêncio dos professores diante de situações de humilhação entre as crianças é uma tentativa de considerá-las como “naturais” ou “individuais”, evitando falar sobre o assunto para não “esticá-lo”, por outro lado, essa atitude também é uma valorização da não reação das

Brinquedos para valorizar a imagem dos afro-descendentes



MARCO ANTÔNIO SA

² *Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil*, de Eliane Cavalleiro. Ed. Contexto.

crianças negras ao serem humilhadas. De qualquer modo, isso só contribui para a aprendizagem do silêncio.

Segundo ainda a pesquisa de Eliane, os professores tendem a elogiar mais as crianças brancas e a ter mais contato físico afetoso com elas. A postura do professor no modo como se refere às crianças, sua expressão corporal e a intervenção nas atividades podem caracterizar-se como fatores de exclusão das crianças negras. Quando o professor, sem intenção discriminatória aparente, auxilia sempre as meninas brancas a se pentearem ao invés das negras, quando prefere pegar ao colo sempre as crianças brancas, está contribuindo para minar a auto-estima dos alunos afro-descendentes.

Se a dinâmica escolar não aceita e não sabe incluir a criança negra, cria uma situação geradora de desconforto e de impossibilidade

de realização pessoal, na medida em que ela é o tempo todo comparada com a criança branca, humilhada, desvalorizada e inferiorizada. Como resultado, o silêncio, que pode levar ao condicionamento do fracasso em todas as esferas da vida social, perpetuado nas relações sociais desiguais.

Estas observações nos levam a constatar que é mais do que hora de encarar com seriedade e competência o problema. Precisamos mudar a mentalidade da escola, intervir para que o silêncio seja rompido, inaugurando novas práticas no cotidiano das relações escolares de modo que possamos reconhecer, valorizar e incluir a criança negra na escola, como é o seu direito.

Diferentes ações para um mesmo problema

Educar para a igualdade racial na Educação Infantil significa, além de encarar de frente a



ASSOCIAÇÃO ARTE DESPERTAR-GRAACC. KAROLINE

MARCO ANTÔNIO SÁ

TEMA EM DESTAQUE



A diversidade se constrói a partir das diferenças

questão, refletir e discutir no âmbito da escola e com as famílias, ter cuidado também na escolha das atividades, projetos, livros, brinquedos e materiais gráficos colocados à disposição das crianças.

Os diretores, coordenadores e professores podem ser fortes aliados no combate ao racismo e na promoção da igualdade, caso haja a incorporação da temática racial no cotidiano escolar e não apenas em momentos ou projetos e atividades pontuais, como, por exemplo, nas comemorações específicas da luta anti-racismo.

Sabemos que o tempo todo os professores colocam à disposição das crianças “objetos culturais” que agregam determinados valores à aprendizagem. Tais objetos traduzem determinadas ideologias e concepções que a criança

apreende, ainda que de forma inconsciente. Os objetos culturais presentes nas creches e pré-escolas tais como livros, revistas, brinquedos, bonecas, imagens e objetos religiosos usados sem reflexão podem oferecer imagens distorcidas, muitas vezes preconceituosas e estereotipadas dos diferentes grupos raciais. É o caso das bonecas negras que não respeitam as características físicas específicas, apontando para a diferença da cor da pele como única referência ou das revistas em que negros aparecem como subalternos e em subempregos e de imagens que enfatizam uma naturalização de funções e situações que revelam a ideologia vigente – a do branco.

A inclusão dessa temática na formação dos professores se justifica pela possibilidade de trazer à tona preconceitos, para assim oferecer

oportunidades para conhecer, valorizar e incorporar a cultura africana e o fundamental papel dos afro-descendentes na formação do povo brasileiro.

Sensibilizar para a questão: só um começo

Recebemos um convite do Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdade (CEERT) para desenvolver em conjunto uma oficina³ para professores de Educação Infantil sobre o tema. Nossa intenção ao planejá-la era colaborar para que os professores colocassem a igualdade racial como pauta de suas reflexões e ações nas atividades do cotidiano escolar de forma transversal.

Considerando o curto espaço de tempo da oficina (4 horas), optamos por usar a arte como instrumento de sensibilização. Organizamos diferentes elementos que auxiliassem na construção de um olhar que considera e valoriza a diversidade e que reconhece o racismo e o preconceito como primeiro passo para procurar eliminá-lo.

Por meio da apreciação de diferentes objetos artísticos brasileiros e de uso cotidiano na África, propusemos a discussão de como nosso olhar é formado socialmente e padronizado por informações que desconsideram a diversidade cultural e racial. Assim sendo, as escolhas estéticas que fazemos são impregnadas pelo preconceito e pela falta de contato com o repertório cultural de diferentes povos. Neste caso, a apreciação da cultura africana trouxe um novo olhar sobre a capacidade de produção estética dos povos africanos e ampliou o conhecimento e o repertório dos professores.

A partir dessa vertente cultural e estética propusemos uma atividade que é sucesso garantido com as crianças: vestir bonecas ou bonecos⁴ de papel com diferentes padronagens africanas. Esta

Constituição Brasileira

Título I

Dos Princípios Fundamentais

Art. 3º - Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

- I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- II – garantir o desenvolvimento nacional;
- III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

foi a estratégia utilizada para refletir sobre a diversidade. Recuperamos assim uma prática antiga, lúdica, multiplicável e de custo quase zero.

O planejamento da oficina

Decidimos que faríamos bonecos a partir de fotos de crianças negras porque, desta forma, estaríamos contemplando os afro-descendentes, cujos traços são específicos. Não queríamos fazer “caricaturas” de negros, mas respeitar seus traços originais.

Levaríamos os bonecos prontos, impressos em papel para serem coloridos pelos professores, posteriormente montados em papel cartão e finalmente recortados e “vestidos”.

Para ampliar o olhar e a reflexão sobre o tema proposto, exibiríamos revistas, livros de histórias infantis, de fotografias, pinturas, cartões, etc. das culturas africana e brasileira afro-descendente.

Faríamos também uma pequena exposição de tecidos e roupas com padrões e formas africanas, principalmente o *batik*⁵, característico de

³ Essa oficina aconteceu em setembro de 2004, no SESC Vila Mariana, em São Paulo, no 2º *Seminário Desafios das Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial*, organizado pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT). A oficina *Educação Infantil e Promoção da Igualdade Racial* configurou-se como uma atividade da parceria Instituto Avisa Lá e CEERT, com a colaboração da artista plástica Beatriz Bianco.

⁴ Veja em SUSTANÇA o processo de criação dos bonecos feito por Beatriz Bianco.

⁵ Arte milenar, onde o desenho é feito com cera quente e colorido com tinta.

alguns países daquele continente; esculturas tradicionais; bonecas típicas; etc. Apostamos que essa diversidade de estímulos de formas e imagens, de cores, padrões, proporções, texturas, tantos de materiais presentes na natureza como daqueles advindos das manifestações culturais, traria bons resultados.

Foi exatamente o que aconteceu. Depois da reflexão sobre o assunto e da apreciação, os professores produziram as roupas de papel representando diferentes culturas africanas. Mais importante que essa atividade pontual, quase uma brincadeira, eles tiveram a oportunidade de pensar em muitas outras atividades inclusivas e de valorização da diversidade cultural tendo em vista a igualdade social; aprenderam a pesquisar e olhar historicamente os assuntos a serem abordados; a procurar sempre que possível ampliar o repertório por meio da aprecia-



JADER NICOLAU

Produção dos educadores a partir da ampliação cultural

ção de imagens (desenhos, pinturas, esculturas, arquitetura, fotos e documentários), de músicas e costumes.

Os professores criaram bonitos trajes e recuperaram a idéia de brincar com as bonecas de papel, valorizando sua função na Educação Infantil como linguagem própria, expressiva e que aproxima a criança da cultura.

FICHA TÉCNICA

Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdade (CEERT)
Rua Duarte de Azevedo, 737 – Santana – São Paulo – SP. CEP: 02036-022
Tel.: (11) 6978-8333. Fax: (11) 6950-1332. E-mail: ceert@ceert.org.br

Instituto Avisa Lá Formação Continuada de Educadores
Marco Antonio Sã⁶
Fotógrafo - Tel.: (11) 5012-7905
E-mail: marcoantoniosa@marcoantoniosa.com.br – Site: www.marcoantoniosa.com.br

Jader Nicolau⁶
Fotógrafo - Tel.: (11) 4413-2470
E-mail: jader@portalafo.com.br

PARA SABER MAIS

- “Educação anti-racista: Compromisso Indispensável para um Mundo Melhor”. Em *Racismo e Anti-Racismo na Educação: Repensando Nossa Escola*, org. Eliane Cavalleiro. Selo Negro Edições. Tel.: (11) 3862-3530
- *Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil*, de Eliane Cavalleiro. Ed. Contexto. Tel.: (11) 3832-5838
- *Racismo no Brasil*, vários autores. Ed. Peirópolis. Esgotado na Editora. Tel.: (11) 3819-0699
- *Revista Nossa História*, ano 2, edição nº 19, abril/05
- *Tirando a Máscara: Ensaio sobre o Racismo no Brasil*, org. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães e Lynn Huntley. Ed. Paz e Terra. Tel.: (11) 3337-8399
- Conheça as experiências premiadas de Educação Infantil no site: www.ceert.org.br
- Sites:
www.portalafo.org.br
www.dialogoscontraoracismo.org.br
www.unidadenadiversidade.org.br
www.mundonegro.com.br

⁶ As fotos deste artigo foram cedidas graciosamente por Marco Antonio Sã e Jader Nicolau.